

ENTREVISTA OTAVIO LEONÍDIO

Maio de 2018

No dia 11 de maio de 2018, o professor Otavio Leonídio concedeu uma entrevista às alunas Beatriz Carneiro e Thaís Aquino, estagiárias no Núcleo de Mídia do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio e representantes do Centro Acadêmico, para conversar sobre sua recente posse e planos como diretor do curso.

DAU/CAAU: Você já foi coordenador do nosso curso entre 2005 e 2008 e durante esse período propôs importantes mudanças para a escola. Agora, 10 anos depois, você volta como diretor. Gostaríamos de saber suas principais propostas e como você vê o curso hoje.

OTAVIO LEONÍDIO: O curso agora é completamente diferente daquele que eu conheci anos atrás. Em primeiro lugar, somos agora um departamento, e não mais um curso vinculado a outros departamentos. Isso já muda tudo. Quando eu entrei como coordenador, estávamos fisicamente dentro da Engenharia Civil e fortemente vinculados ao Design; nossa autonomia era mínima. Além disso, não havia nenhuma turma formada. Depois de deixar a coordenação, eu me afastei muito da graduação e estive muito mais envolvido com a Pós-Graduação - apesar de nunca ter deixado de dar aula de projeto. Nesse período, o curso cresceu, mudou, se equipou; eu estou ainda tomando pé do que é o curso hoje. Atualmente, temos cerca de 600 alunos, é um curso enorme. Por um lado, o curso se consolidou; pode-se dizer que é de fato um sucesso; mesmo no meio dessa crise, é um dos cursos que continua com muita demanda. Mas eu ainda vejo alguns desafios.

Um desafio para mim tem a ver com o fato de o curso estar muito disperso e fragmentado. Os professores, sobretudo, estão hoje espalhados em quase todos os prédios da PUC, com postos de trabalho no Frings, no Leme, no IMA, no METRO, na Casa Um. Nossos encontros cotidianos acabam ficando muito prejudicados. Claro



Otavio Leonídio, diretor do DAU.

que essa ampla presença no campus tem um lado positivo, mas o que não temos hoje é um senso de comunidade, de pertencimento. A gente se encontra pouco, não sabe o que os colegas estão fazendo, não tem o sentimento de que somos, afinal, uma escola.

Como eu falei na plenária com as alunas e os alunos, eu gosto muito da ideia de escola. Porque uma escola é isto: uma comunidade. Para fazer isso, nós precisamos estar fisicamente juntos. Daí meu enorme entusiasmo com a perspectiva, cada vez mais próxima de se concretizar, de ocuparmos integralmente o edifício METRO, de transformá-lo na casa do departamento de arquitetura e urbanismo, de fazer dessa ocupação uma oportunidade para mobilizar professores, alunos e funcionários em torno desse objetivo comum. O projeto, o processo, a construção, o canteiro, tudo isso vai nos juntar, e toda essa experiência, essa vivência conjunta, tem tudo para ser algo incrível. Estou apostando muito nisso e vou investir muito da minha energia nesse desafio.

Outra coisa que me parece muito importante é politizar o curso. Quando eu falo em política, não estou obviamente falando de política partidária, e sim de envolvimento com a realidade social, com as questões que nos afetam como cidadãos e cidadãs. É essa dimensão que precisamos trazer para dentro da escola - que não pode estar apartada da vida social, política e cultural da cidade e do país. Além das políticas identitárias,

que são muito importantes, é necessário trazer as políticas da cidade, da gestão e do planejamento urbano. Me parece óbvio que uma escola de arquitetura tem que discutir a cidade, e a cidade que eu quero que a gente discuta é sobretudo a cidade da exclusão, do preconceito e da injustiça. Gostaria de fazer desses temas também uma marca da nossa escola. Desde o começo, o nosso curso foi marcado por um viés crítico, com uma forte ênfase conceitual e teórica. Mas é necessário fazer mais do que isso. Por um lado, é importante abordar os temas da arquitetura teoricamente; mas também é preciso estar presente fisicamente em alguns lugares estratégicos, como, por exemplo, os locais de conflito, os locais de exclusão, as comunidades, as favelas...

Da mesma forma, é importante que a escola discuta temas relevantes atualmente, como a questão do gênero. 75% do nosso corpo docente é formado por mulheres. Não é, portanto, cabível tratar a arquitetura fora de uma perspectiva de gênero, como infelizmente seguimos fazendo. A nossa é ainda uma profissão predominantemente masculina. Uma escola com um contingente tão grande de mulheres deve ser também um lugar onde esse aspecto da prática da arquitetura é questionado, confrontado. As políticas de gênero são importantes também por isto: são uma espécie de vanguarda, puxam outras discussões. Obviamente, a questão da raça também é muito importante: ainda temos um curso com pouquíssimos alunos e professores negros. De novo, é preciso tematizar isso, caso contrário vamos permanecer numa bolha completamente apartada da realidade brasileira.

D/C: Você falou da questão da mulher e acho que sessenta e poucos por cento do nosso corpo docente, por outro lado, é masculino. Além disso, durante esse período foi formado o primeiro coletivo feminista de arquitetura e o próprio centro acadêmico está acompanhando a pauta feminina com algumas iniciativas. Você vê isso como uma política? Como isso pode se materializar nas aulas?

O.L.: Com o corpo docente a situação, estatisticamente pelo menos, é um pouco mais equilibrada. Dito isso, é preciso tematizar cada vez mais a questão de gênero, porque no Brasil essa discussão é ainda muito incipiente – sobretudo nas escolas de arquitetura (diferentemente do que aconte-

ce, por exemplo, no meio das artes visuais). O feminismo tem uma força tremenda, vai impactar tudo o que viermos a fazer daqui por diante, nos mais diversos âmbitos. Precisamos, portanto, trazer essa questão para dentro da nossa escola, discutir como a questão de gênero se manifesta no ensino e na prática da arquitetura.

A arquitetura é uma carreira com uma grande representação feminina em vários setores, mas essa representação é ainda desequilibrada nos escritórios de arquitetura. Nesses ambientes, existe um claro favorecimento ao masculino. Para mim, o desafio é entender quais são essas instâncias de favorecimento. O trabalho de conclusão de curso da Juliana Biancardine começa com uma questão sociológica e vai terminar com um questionamento nada sociológico, relativo ao próprio desenho e à masculinidade implícita nos atos e dispositivos de projeto. Não é à toa que ela se reporta às artes visuais e à performance, porque no universo artístico esses temas são trabalhados há pelo menos 50 anos. O que é, onde está esse masculino repressor no universo da arquitetura? Em todas as instâncias, parece - no desenho, no projeto, no vocabulário, na sintaxe, no processo da definição da forma. O trabalho da Juliana identifica isso e coloca o corpo como protagonista do projeto, questionando a ideia do corpo neutro - que na verdade é totalmente falaciosa. Na nossa sociedade, o corpo neutro é sempre um corpo masculino.

D/C: Você fala sobre a politização do curso, ao mesmo tempo que o nosso centro acadêmico é um dos únicos sem casinha, hoje utilizada como sala de alguns professores, e o Ser Urbano, que vem acontecendo sem nenhuma ou quase nenhuma ajuda financeira do departamento. Como você vê isso?



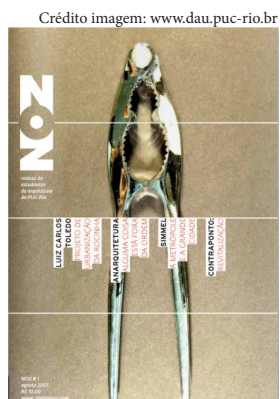
Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso de Juliana Biancardine.

O.L.: Eu quero deixar a direção tendo entregue a Casa Um para o centro acadêmico de arquitetura, vou trabalhar incansavelmente para isso. Quando eu falo que quero fazer, é porque obviamente eu não faço nada sozinho, e nesse caso específico dependendo de instâncias superiores, ligadas à gestão e planejamento do espaço do campus. Agora, eu quero muito apoiar o C. A. e o corpo discente em geral – e por uma razão bem simples: eu sempre acreditei que as melhores coisas que a nós já fizemos no DAU envolveram direta ou indiretamente nossos alunos e alunas. Nesse sentido, eu vejo os eventos organizados por alunos como uma prioridade. Suponho que muitos de vocês talvez não saibam o que foi o primeiro Ser Urbano e a experiência da revista Noz, mas muito do que vocês estão vivendo hoje é fruto desse trabalho pioneiro. O primeiro Ser Urbano foi quase que integralmente pensado por alunos e alunas. A pauta, a lista de convidados, a concepção, a construção do pavilhão... De início, eu fui inclusive contra a construção do pavilhão, achava um complicador. E como eu disse na nossa plenária, aquele Ser Urbano não teria a força que teve sem aquele pavilhão.

Com a revista Noz foi parecido. Quando os editores me procuraram, tinham uma pauta superambiciosa, e a minha primeira reação, como alguém “responsável”, foi tentar convencê-los a diminuir essa pauta, fazer uma publicação com um número menor de artigos - o que, em tese, seria mais fácil e viável de executar. Mas logo em seguida eu disse para eles esquecerem o que eu havia dito e retomarem o projeto original, buscar fazer a revista com a ambição e o risco que ela carregava inicialmente. E o resultado foi incrível.

Sobre o centro acadêmico, é necessário que haja um grupo forte, autônomo e – creio eu - com uma sede própria. A relação entre a direção e os alunos e as alunas é muito importante e deve ser incentivada. Meu papel nesse sentido se resume a fomentar o envolvimento de todo o corpo discente.

A propósito, eu acho muito importante que o corpo docente não se defenda das demandas e críticas dos alunos. Por definição, todo pro-



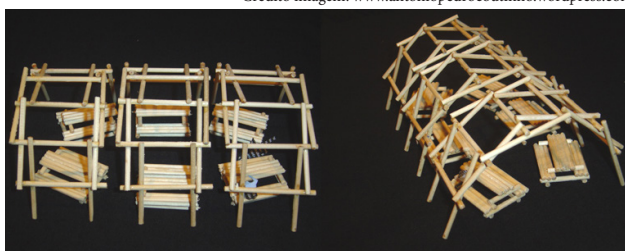
Revista Noz, edição 01, 2007.

Crédito imagem: www.antoniopedrocoutinho.wordpress.com



Ser Urbano, 2006.

Crédito imagem: www.antoniopedrocoutinho.wordpress.com



Maquete do Pavilhão Ser Urbano, 2006.

cesso de ensino é repressor; se os professores tiverem consciência disso, podemos ao menos tentar reduzir essa condição. Do contrário, vamos embotar a força da imaginação, do pensamento e do desejo que as alunas e os alunos têm, a capacidade de colocar em questão o ensino e, a partir disso, o que é o mundo da arquitetura, dentro e fora da escola.

D/C: O último dia do Ser Urbano de 2016 foi marcado pela discussão sobre o ateliê integrado, questionando o andamento dessa prática que nos acompanha desde o começo. Você tem alguma pauta para atualizar esse tipo de prática?

O.L.: Eu tenho sim. O modo como a gente pensou o ateliê integrado no começo do curso foi oferecê-lo em 12 horas semanais, repartidas em seis horas mais convencionais de ensino de projeto, e seis horas de oficinas, minicursos e inserções de conteúdos complementares. Nesse sentido, a primeira demanda hoje é verificar como essa divisão está ocorrendo e, então, resgatar a proposta inicial dessas seis horas complementares. A segunda demanda, por sua vez, diz respeito às seis horas de desenvolvimento de projeto. Porque minha sensação é que nós professores seguimos de maneira muito acrítica o modelo do atendimento individual, no qual o professor tutora de muito perto o desenvolvimento dos projetos. No quarto

período, com a supervisão da Mariana Vieira, já estamos implementando práticas que superam o modelo do atendimento individual. Por que isso é importante? Porque o modelo do atendimento individual é essencialmente paternalista, segue o modelo do mestre e do aprendiz, que não confere a este último autonomia. De certa forma, isso contribui para a manutenção do que que é a prática da arquitetura lá fora, o status quo da arquitetura. A arquitetura vai ser o que for imaginado por nós, e temos que estar abertos para repensar essas práticas pedagógicas de um modo amplo.

Da mesma maneira, nós podemos questionar a ideia do ateliê temático, dominado pela noção de “programa de necessidades”, que, em larga medida, é uma reprodução do modelo de ensino de arquitetura do século XIX. Ao invés disso, podemos ter uma escola que priorize processos e metodologias alternativas; que proponha, por exemplo, abordagens projetuais diferentes para um mesmo programa. Devemos estar abertos a isso, ouvir pessoas que estão fazendo experiências alternativas e arriscar, porque o aprendizado é sobretudo uma experiência. Claro que temos que oferecer conteúdos específicos, ligados à boa prática de arquitetura, formar alunas e alunos para o bom exercício da profissão. Mas é preciso fazer mais. Esses cinco anos devem ser uma experiência viva, um campo de experimentação, diálogo e, por que não, risco. Os ateliês devem ser também um local de tentativa e erro. Se algo não der muito certo num determinado período, temos o período seguinte para rever e aprimorar.

D/C: Acredito que isso não seja uma pauta que deva partir só de você, o corpo docente tem que estar junto. Já existiu essa conversa?

O.L.: Está tudo no começo, mas estamos com uma agenda de encontros e discussões. Transformações não acontecem da noite para o dia. O que precisamos fazer é instaurar um ambiente de discussão. Uma escola tem que estar se confrontando, se repensando todo dia. As escolas mais dogmáticas, como a FAU/USP (que tem uma espécie de linha de desenho mais ou menos definida), têm algumas vantagens, mas são muito menos abertas à experimentação. E eu, pessoalmente, acho que experimentar e arriscar é muito importante. A escola tem que se questionar constantemente e a meu ver, uma das razões pela qual ela não se questiona é a autopreservação, marca

de toda instituição. Não pretendo, com isso, fazer um discurso incendiário, mas é preciso diminuir um pouco esse caráter de autoproteção para viabilizar práticas novas, alternativas.

D/C: Você até falou no seu discurso de posse sobre a interdisciplinaridade dentro do projeto e do curso em si. Você acha que é uma possibilidade aumentar esse convívio com outras faculdades, outros cursos, aproveitando até o espaço físico da PUC que naturalmente incentiva isso?

O.L.: Eu acho muito importante a gente não ver as outras faculdades de arquitetura como adversárias. Pelo contrário, precisamos instituir um ambiente de troca e de intercâmbio. E eu relaciono isso também com a ideologia na base do ensino de projeto, ainda fundado no princípio de competição entre os pares. De novo, podemos questionar se esse é de fato um modelo que queremos reproduzir. Não podemos, por exemplo, ter um ateliê que ensaie práticas mais colaborativas? Como mercado de trabalho, já estamos mergulhados num meio perverso. Nós hoje graduamos muito mais arquitetas e arquitetos do que o mercado convencional consegue absorver; com isso, já se instituiu uma espécie de guerra. Como escola, podemos nos permitir repensar essa realidade dentro dos ateliês – a começar pela possibilidade de pensar o projeto de arquitetura como uma prática coletiva, colaborativa. Como instituição de ensino, isso nos coloca diante de outro grande desafio: o modo como avaliamos os trabalhos dos alunos – uma vez que a avaliação na universidade é por definição individual (o CR segue sendo o principal dispositivo de avaliação do rendimento dos alunos ao longo do curso), com enormes implicações para a vida dos alunos. E, de novo, sempre acho que a escola pode ser um local que ensaia ou antecipa um mundo diverso da prática convencional; que pode ajudar a superar, por exemplo, o mito da criatividade individual e o incentivo à competição entre os pares.

Quando a gente se defronta com situações de projeto que não são apenas aquelas como fazer um projeto para um cliente individual ou ganhar um concurso organizado pelo IAB, e se envolve com outras situações (penso por exemplo no projeto para a Vila Autódromo), nos damos conta de que os modelos vigentes hoje precisam ser questionados. Pode-se pensar em atividades didáticas mais colaborativas – por exemplo, um canteiro

experimental menos focado na questão técnica, onde se possa exercitar a autoconstrução colaborativa, comunitária. O aluno que passa por uma experiência dessas talvez queira fazer isso fora da faculdade.

D/C: Você falou do intercâmbio e recentemente o curso passou a oferecer algumas eletivas em inglês, mas ainda muito incipiente. Eu mesma fiz intercâmbio agora e são poucas vagas, principalmente para passar um ano e isso é muito porque não vem tantos alunos para cá dada a barreira da nossa língua. Como você vê a nossa escola nesse cenário internacional?

O.L.: Eu não sei ainda, eu preciso me atualizar sobre como isso está acontecendo, porque obviamente é muito importante atrair mais estudantes para a nossa escola. Semana passada eu tive uma reunião com um integrante de uma organização ligada à ONU, cuja proposta é juntar diversos escritórios e escolas de arquitetura e propor ações em vários locais do mundo, como viagens de estudo, oficinas e canteiros, sobretudo na África e América do Sul. Eu fiquei muito animado com essa perspectiva. Aliás, acho que o ideal a partir de agora seria firmar convênios não apenas com escolas europeias e americanas, como temos feito, mas também com escolas sul-americanas e africanas.

Estabelecer parcerias com as Nações Unidas e Médicos sem Fronteiras, por exemplo, nos ajudam a imaginar modelos alternativos de atuação profissional. Atualmente, o mercado de projeto de arquitetura está excessivamente submetido à lógica da indústria da construção civil, o que é muito limitador. Onde existe construção, ocupação, abrigo e infraestrutura, existe a demanda por arquitetos e arquitetas. Aliás, a discussão em torno da separação entre arquitetura e infraestrutura é uma boa chave para repensar isso. O Lelé (João Filgueiras Lima) sempre falou isso, para ele não havia essa distinção entre arquitetura e infraestrutura. A escola é um lugar estratégico para esse tipo de questionamento.

D/C: Por último, gostaríamos de saber sobre as suas impressões da plenária e a conversa com os alunos.

O.L.: Eu gostei muito, acho que devemos ter uma plenária por semestre. Encontros como esse não

resolvem tudo, mas são sempre muito produtivos, além de carregarem um simbolismo muito grande. Muito do que foi dito na plenária já está sendo discutido por nós, como por exemplo a queixa sobre o gasto excessivo com plotagens. O fato de a plenária ter ocorrido no METRO também significa muito. Pois a ideia de ocupar o METRO é também pensada no sentido de proporcionar cada vez encontros entre professores e alunos. A graduação, bem mais do que a pós-graduação, é a meu ver a instância mais importante do departamento, e o diálogo com os alunos e as alunas é por isso mesmo nossa prioridade. Professores não devem nunca se defender das demandas dos alunos. Ao contrário, precisamos nos abrir e saber ouvir críticas e sugestões. Não se faz uma escola sem a imaginação dos alunos.

Crédito imagem: Acervo DAU Mídia



Plenária entre Otavio Leonídio e Cadu Spencer com alunas e alunos do DAU, 2018.